



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



CAMPINA GRANDE, PB, 7 DE NOVEMBRO
DE 1958.

NA SOLENIDADE DE INAUGURAÇÃO DO
NOVO SERVIÇO DE ÁGUA DE CAMPINA
GRANDE.

Na hora em que eu tiver de justificar-me do emprégo dos meus anos de Presidente da República, na hora mais difícil da prestação de contas, aquela que se faz diante da própria consciência, o que eu poderei alegar de mais convincente em minha defesa é que fui um Presidente que lutou, que se bateu, que amou o tão esquecido interior do seu país. Não fiz obra de egoísta procurando cercar-me de tranqüilidade. Ataquei resolutamente problemas que iriam transmitir-se, cada vez mais agravados, aos meus sucessores. Não hesitei em tomar sobre os ombros algumas tarefas que ninguém me obrigava a tomar e que, com aplausos gerais, teriam sido relegadas ao esquecimento. Pensei e agi como alguém que estivesse convencido de que chegara a hora de iniciar, com atos positivos irrecorríveis e de certa maneira heróicos, a reparação histórica que o Governo federal deve há longo tempo ao interior do Brasil. Não foi em vão que vos disse, que repeti por toda a parte, na minha campanha presidencial, que, se

1071

eleito, não veria o Brasil através dos pontos litorâncos mais importantes ou das poucas cidades confortáveis que existem neste nosso país. Ao contato desta gente séria, honesta, firme e decidida de Campina Grande — fico à vontade para afirmar que meu Govêrno não visa ao aplauso, ao julgamento, ao favor do momento, mas que élé será julgado, de futuro, como o Govêrno que recolocou, em térmos decisivos de conquista do território pátrio, de equilíbrio entre as regiões brasileiras, o problema nacional. Brasília é uma resultante desta política de ocupação da pátria nos limites de sua grandeza. Pouco importa que os célicos, os mal intencionados, os invencíveis críticos do trabalho alheio, reduzam a epopéia de Brasília ao sonho de um faraó, que não via mais que a construção de pirâmides no deserto ou de monumentos à sua própria glória. Brasilia marca o fim de uma era e o comêço de outra. O fim da maneira restrita de olhar para êste país, e o comêço de uma fase de recriação de condições de vida. Quando os murmúrios, as piadas e as zombarias dos eternos descontentes estiverem esquecidos e seus autores engolidos pelo tempo com as suas frases repassadas de elegante desdém, quando não se estiverem medindo — num país em que, através dos tempos, se praticaram tantas loucuras estéreis — os investimentos fecundos do novo centro de decisão do Brasil, nesse tempo que virá infalivelmente e que já não será o meu, hão de estranhar as gerações por que tardara tanto a ser posta a capital onde o reclamava o legítimo e urgente interesse nacional. O que agora se afigura extraordinário, ou seja, a prioridade que damos a essa mudança, isto, sim, é que será motivo de espanto para as novas gerações a que estamos modestamente servindo, atendendo e honrando com as medidas e responsabilidades que assumimos agora. Sim, a mudança da capital, em obediência a um dispositivo constitucional, para o centro do país, é um ato de responsabilidade do Congresso, do meu Govêrno, a que acrescento a minha

responsabilidade pessoal, em tôda a sua plenitude. Mais do que tudo, importa saber se estais de acôrdo com essa mudança, brasileiros de Campina Grande e de outros sítios que buscam um lugar ao sol neste país. Vós sabeis o que pretendemos. Mas como alguns fingem ignorá-lo, vamos repeti-lo. Queremos mudar o rumo do Brasil. Queremos nós, brasileiros, que êste país entre na posse de si mesmo. Queremos que o Brasil deixe de ser um fio de civilização, debruando a costa atlântica. Queremos que o Brasil deixe de ser um arquipélago e que se transforme num continente unido, interligado, perfeitamente entrosado. Sinto-me no dever de explicar, não a vós, que o sabeis tanto quanto eu, mas diante de vós, homens honestos e bravos desta cidade — para que me ouçam em tôda a parte — que Brasília não é uma emprêsa isolada, um capricho, um sinal, um toque solitário, uma nota perdida, mas um ato identificado com uma política geral, consciente e deliberadamente conduzida. Brasília obedece a uma mesma determinada orientação geradora de acontecimentos grandes e pequenos — todos com uma mesma intenção, um mesmo sentido, e uma direção única — Três Marias, Furnas, as estradas de penetração no interior, o serviço de águas desta e de várias cidades — elos de uma mesma cadeia sólida que ajudará a impulsionar o Brasil, a dar-lhe movimento, a salvar do subdesenvolvimento tantas de suas regiões.

Tentam transformar Brasília em vítima expiatória de tôdas as dificuldades presentes, herança de tôdas as dificuldades do passado; tentam culpar Brasilia de ser a causa daquilo que deve ser atribuído ao desequilíbrio natural de uma nação que cresce. Tentam atirar sobre a iniciativa revolucionária e salvadora de obedecer-se a um artigo da Constituição, que manda mudar a capital para o planalto goiano, tudo o que se verifica nesta hora. O desequilíbrio orçamentário, o calor na

capital, as derrotas e as vitórias eleitorais, a situação do café, tudo é culpa de Brasília. Ao povo procura-se incutir o horror à nova capital, mas isto, vale dizer, em pura perda, porque o povo não vive de experiências que não provocam nada; pelo contrário, tem a intuição criadora, sabe o que está certo ou errado, e já se pronunciou pela bandeira de Brasília. Já foi dito e redito que Brasília, além de outras vantagens, é um investimento reprodutivo, que aos oito bilhões a que no máximo, e em todos os seus estágios progressivos, atingirá o investimento, corresponderá uma receita estimada em 24 bilhões, graças às vendas do espaço da jovem metrópole. É uma operação de largo vulto, mas perfeitamente autofinanciável. O Brasil deixará de ser, graças a Brasília, apenas um vasto país no mapa, para transformar-se num país de fato.

1073 O meu Governo está mandando fazer o levantamento de todos os investimentos em Brasília, não como uma satisfação aos que a combatem, mas para que o povo brasileiro esteja a par do que se vai passando com a sua futura capital.

1074 Não é possível deter a marcha de Brasília sem prejudicar todo um conjunto de providências tendentes a mudar a fisionomia do país; sem adiar uma transformação nacional que se impõe seja feita com urgência. Essa transformação consiste em deslocar parte das atividades nacionais, delimitadas a uma área relativamente restrita nas proximidades de portos, ou em alguns núcleos populacionais de mais densidade, e fixá-lo em regiões imensas, com as condições para a prosperidade, mas até aqui vazias, improdutivas, abandonadas. Não me perdoam desejar que nossa nova capital tenha a dignidade de uma verdadeira metrópole, coroação que será do Brasil. Não a querem os negativos, nem bela nem funcional. Fingem-se deslebrados de que construímos a sede definitiva do Governo de nosso país e que esta não deverá ser simples

e improvisado aglomerado de casas, sem obediência a qualquer gôsto estético ou plano funcional. Brasilia não é apenas a nova capital, é também uma semente plantada em terra fecunda, mas descuidada.

A simples presença de Brasilia provocará o advento de tôda a sorte de iniciativas até agora não cogitadas nessas regiões. É uma vida nova em paragens novas, que se inaugurará neste país. Quem não comprehende agora será obrigado pròximamente a se dar conta da exatidão do que estou dizendo. Chegou o momento do homem do sertão, que só tem servido para temas de divagações literárias. Não estais mais dispostos — meus amigos — a servir apenas de personagens de romance e a não dispor de água nas bicas de vossas casas, nem de meios para transportar os frutos de vossos trabalhos. Este sertão, este interior inspirador de canções de gesta, de legendas bárbaras — e este homem queimado pelo sol, batido pelo desconforto total, hão de transformar-se em realidades integradas do Brasil efetivo.

Dizendo-vos isso tudo — digo ao mesmo tempo no que consiste a minha luta e a razão principal de me darem combate. Sou acusado de fazer participar o nosso interior do que só se realizava nas capitais e em alguns poucos lugares privilegiados. Este é o meu crime. Esta é a minha grande culpa. Sei, é verdade, que não me empenei no sucesso imediato, em colhêr logo no dia seguinte o que plantara na véspera. Não procurei trilhar a estrada de todo o mundo, mas abrir estradas novas, ir ao vosso encontro, homens sérios, lutadores, indormidos, e durante tantos anos esquecidos como se este país não fôsse vosso também.

Quis pronunciar aqui estas palavras certo de que elas serão entendidas e ressoarão como é justo que ressoem. Vossa compreensão me certificará de que não me engano e devo prosseguir.

1075

1076

1077